UM CRONISTA DO CEARÁ ANTIGO

JOSÉ AURÉLIO CÂMARA

Quem escrever a biografia de João Brígido terá escrito um século de história do Ceará, cem anos se desdobram dos alvores da Independência à segunda década da presente centúria.

É tarefa apaixonante para quem quiser faiscar na poeira dos manuscritos e na profundeza dos arquivos os fatos da cronologia histórica e social do período mais significativo da vida cearense. Só então se verá quanto a ela se liga a existência agitada e trepidante de João Brígido dos Santos.

Foi êle jornalista e político; escreveu sôbre a história do Ceará e narrou, em excelentes crônicas, não só o que presenciou na sua longa caminhada terrena, como o que sabia por informação direta ou tradição oral. Foi também polemista e rábula temido. Na sua existência de mais de noventa anos tornou-se um dos mais profundos conhecedores dos homens e dos acontecimentos do Ceará, e não fôra o modo tendencioso ou apressado com que os julgava e descrevia, dêles teria sido um dos mais completos narradores.

Como historiador, apelava menos para os documentos que para as opiniões próprias ou as tradições correntes, o que muito comprometia o seu depoimento, embora no domínio da historiografia regional nenhum outro tenha revelado mais aguda intuição nem maior vocação de sociólogo.

A historiografia cearense justifica três fases bem definidas, levando em conta o comportamento dos historiadores que a caracterizam.

A primeira fase, a que poderemos denominar de "descritiva", é aquela em que predomina a descrição, nem sempre fiel, dos fatos, haurida na tradição e no testemunho pessoal, sem a preocupação do

apêlo aos documentos, aliás raros e inacessíveis, jacentes ainda na impenetrabilidade dos arquivos de aquém e de além-mar.

A segunda pode ser chamada a fase "elucidativa", marcada por uma preocupação dominante de aclarar dúvidas e eliminar erros, com base numa documentação segura e esclarecedora, capaz de permitir o delineamento definitivo dos grandes fundamentos da história do Ceará.

É a fase cujo início pode ser localizado por volta de 1887, data da fundação do Instituto do Ceará, que admiràvelmente a simboliza.

A terceira, será a fase "interpretativa", que já está tardando e na qual, mais que ao historiador, caberá a palavra ao sociólogo.

O Conselheiro Tristão Araripe, João Brígido, Theberge, o Senador Pompeu são nomes associados à primeira fase, Antônio Bezerra, o Barão de Studart, Paulino Nogueira, Perdigão de Oliveira e, mais modernamente, Pompeu Sobrinho, Raimundo Girão, Carlos Studart e Renato Braga, entre outros, são brilhantes figuras da segunda fase.

Dentre aquêles do primeiro período João Brígido ocupa, sem dúvida, uma posição de destaque.

Escrevendo ao Barão de Studart em 31 de agôsto de 1921, emitia Capistrano de Abreu uma opinião que vale por sentença: "Da primeira geração de historiadores do Ceará, anteriores ao cólera, resta hoje inutilizado o velho João Brígido, sem escola, sem método, muitas vêzes mal ou não documentado, mas superior em intuição ao Theberge, Pompeu e Araripe."

Não seria possível a João Brígido, malgrado seus conhecidos atributos, nem a qualquer daqueles que militaram nos primórdios de nossa historiografia, assegurar uma posição de primeira linha após o vigoroso impacto nela produzido pela história documentada dos historiadores do Segundo Império.

Não há unidade da Federação com a história melhor conhecida que o Ceará, afirmava o sábio Capistrano, e esta situação decorre da pletora de documentos que prescinde das narrações imprecisas e que para sempre alijou a dubiedades das informações.

A preocupação de preencher as lacunas e de emendar os erros foi dominante entre aquêles que estabeleceram, em definitivo, as linhas-mestras da história cearense. Não é, pois, de admirar que as principais obras de Studart e Antônio Bezerra, por exemplo, como *Notas para a História do Ceará* e *Algumas Origens do Ceará*, fôssem trabalhos que objetivavam, principalmente, corrigir erros e estabelecer a verdade histórica, então desconhecida ou distorcida.

E aqui não seria descabido recordar que nada mais diverso e antagônico que a meticulosidade britânica de Guilherme Studart e o caráter impetuoso de João Brígido, êste muito mais inclinado a ser, em face da nossa história, uma *dramatis persona* que um espectador indiferente.

Sôbre João Brígido muito se tem escrito, não tanto, porém, quanto a sua vida comporta e exige. Com exclusão do seu nome seria impossível escrever não apenas páginas interessantes da nossa vida provincial, como a história do jornalismo cearense ou a história política do Ceará, ou mesmo elaborar uma completa análise da nossa formação social.

Como cronista do Ceará antigo permanece incomparável e substituto não teve ainda que com tanta graça e conhecimento de causa abordasse os velhos acontecimentos e os velhos homens — os "bons, burros — e bravos" — do nosso passado secular.

Nascido a 3 de dezembro de 1829, não foi no Ceará que veio ao mundo, e sim na vila de São João da Barra, hoje Estado do Rio, naqueles dias integrado na província do Espírito Santo. Mas no Ceará viveria sempre, e aqui deixaria o rol dos vivos em 13 de outubro de 1921, quando pouco lhe faltava para atingir os 92 anos de movimentada existência.

Do que foi sua vida até os 10 anos, êle próprio descreveu em algumas das suas mais deliciosas páginas, aquelas que servem de introdução ao seu interessantíssimo e hoje raríssimo livro *Ceará — lado cômico.*

Da cidade interiorana onde nasceu, passou-se à capital do Império e, daí, ao Ceará, rumo ao Icó. Era a época das tropelias de Pinto Madeira, que já fôra hóspede e amigo de seu pai, e que muitas vêzes o conduzira nos braços. Do pânico que ora invadiu os sertões da região, sofreu com a família inevitáveis conseqüências.

Morou em São Mateus, onde iniciou as primeiras letras, e mais tarde em Quixeramobim, que lhe pareceu "terra faminta, foco de intriga e de empáfias sertanejas". Ali aprendeu latim e salvou da morte a Antônio Conselheiro, companheiro de infância, que se ia afogando numa cheia do rio.

Residiu no Jardim, Barbalha e Crato e, em 1865, precisamente há cem anos, passou a morar em Fortaleza.

No Crato foi jornalista que marcou época na região, e o prolongamento dessa atividade na capital haveria de lhe assegurar posição inconfundível no jornalismo cearense.

Do ano em que se passou para Fortaleza até àqueles que precederam a sua morte, foi influência poderosa na opinião pública e na política da terra, culminando esta atuação nos acontecimentos ligados à deposição do Govêrno Acióli.

Quando o Conde d'Eu visitou o Ceará, em junho de 1889, foi o homem designado pelo Presidente da Província para acompanhar a principesca personagem na sua visita a Camocim, Sobral, Baturité e Quixadá. Dêle Gastão de Orleans guardaria sempre a mais simpática recordação.

Gostando de fixar no papel as suas impressões e os seus conhecimentos dos homens e fatos da sua terra, conhecendo-os tantos quantos seria possível conhecê-los na sua época.

João Brígido era um elemento fadado a se transformar num cronista natural, no aquarelista incomparável das lutas e dos entreveros políticos, dos costumes e das tradições, da conduta dos potentados e chefetes do passado cearense.

Nas suas crônicas, quase tôdas incluídas no *Ceará — lado cômico*, encontrará o pesquisador a admirável matéria-prima para a fixação dos aspectos mais peculiares e mais constantes do panorama social do Ceará dos primeiros tempos, aquêles em que uma população rarefeita, esmagada pelo atraso e pelo pauperismo, indiferente aos azares da sorte, desabafava na inquietação turbulenta das massas ou na prepotência dos caudilhos os anseios de liberdade e liderança, que são a marca inconfundível da gente cearense.

Aquela fase da história cearense ninguém a retratou melhor do que João Brígido nas suas crônicas.